

exemplo desta retórica, a qual, ainda que de sinal político contrário, é ainda herdeira de «Portugal do Minho a Timor». Estaremos a substituir um mito por outro, em que a assimetria das relações se mantém, sob a capa de uma «herança comum»? Mia Couto em «A Celebration in Waiting», a sua contribuição para o *Index*, chama a atenção para a necessidade de uma nova relação, em que todas as partes se constituam como sujeitos. Só assim poderá haver uma verdadeira celebração das «Descobertas» — e uma herança verdadeiramente «comum».

Acrescente-se ainda um apontamento sobre os textos deste dossier que nos colocam na oposição de objectos, e que se situam no exterior da questão colonial propriamente dita. Significativa é a escolha do poema «Crónica», de Graça Moura, para abrir: aí se fala de mar, navios, despedidas, tempestades, ventos, algas e corais — a parafernália de que se faz uma certa imagem de Portugal. Vasco Graça Moura é um bom poeta; a questão aqui é a escolha deste poema e não outro. Foi escolhido este, imagino, porque se encaixa às mil maravilhas na imagem pré-concebida de um país cujos discursos historiográfico e poético ainda têm por centro a Época das Descobertas e a nostalgia a ela ligada — o que nos ficou de um império de cujo último estilhaço o país agora se despede, e que se calhar não chegou verdadeiramente a ter. Estamos perante um discurso que já não se adequa à nossa realidade, cada vez mais europeia, mas que talvez corresponda ainda a um imaginário que continua a prevalecer, de acordo com o qual construímos a nossa imagem, e pelo qual os outros (ainda) nos vêem. Que encontramos, por exemplo, nas letras das canções do Festival da Canção. E que é muito bem parodiada no programa da BBC que a TVCabo transmitiu, «The Tony Ferrino Phenomenon». Neste programa a personagem de Tony Ferrino, um cantor pretensamente português, aparece com os «irmãos», vestidos de pescadores, a cantar o mesmo

refrão até a náusea: «peixe e mariscos, peixe e mariscos». O nome é italiano, Tony fala um português arraçado de castelhano e italiano, e corresponde a uma imagem estereotipada dos «homens do Sul» em geral. O retrato é ofensivo; mas a culpa é talvez também um pouco nossa, porque ainda não encontramos, para falar de nós próprios, uma linguagem nova, alternativa às estafadas metáforas de mar e marinheiros.

Haverá forma de evitar o estereótipo quando se fala do «Outro»? Ou só se reconhece o estereótipo quando o «Outro» somos nós? Como quando Landeg White, professor numa universidade portuguesa e tradutor de *Os Lusíadas*, ao comentar «Grândola» no *Index*, a identifica como um fado, e a Zeca Afonso como fadista, acrescentando que a canção que serviu de senha para pôr a Revolução na rua serviria agora para vender azeite. Confundindo até a nossa inconfundível «Grândola» com a canção popular «Ó Rama, ó que linda rama». Porque o «Outro» não é percebido como múltiplo, mas como uno. Porque todos os portugueses cantam sempre e só fado. ■

Adriana Bebiano

Crónica de um Achamento (Alberto Oliveira Pinto, *Mazanga*. Luanda, INALD, 1998)

Mazanga, uma «novela», como se anuncia na página de rosto, de Alberto Oliveira Pinto, valeu ao seu autor o prémio literário Sagrada Esperança 1998. A atribuição do mais importante prémio literário angolano a esta obra distingue a sua qualidade, mas reflecte também uma nova tendência na literatura lusófona em geral, e angolana em particular. Passada a primeira onda marcadamente nacionalista que se seguiu à independência, e na qual era evidente uma

preocupação com a reescrita da história em termos claramente nacionais (isto é, em termos que enfatizassem a diferença e a distância em relação ao país colonizador e à sua cultura), verifica-se agora uma nova tendência. Na ficção que agora se escreve, a representação da história continua a ter um lugar central, mas de um modo algo diverso. A história é aqui reescrita (ainda, e sempre) como um encontro de culturas e o que dela emerge é uma nação híbrida, resultante desse encontro e da miscigenação que o acompanhou. Não se procura o diferente, mas o semelhante, a humanidade comum, tanto nos seus traços heróicos como nos seus traços mais humanos, e mesmo mesquinhos ou cruéis.

Esta novela de Oliveira Pinto é um bom exemplo desta nova forma de ver e escrever história, desde logo visível no simples folhear do livro, na alternância da mancha gráfica dos capítulos. A narração oscila entre uma voz narrativa em português e uma voz narrativa em que predominam o kimbundu e o kikongo, cuja impressão em itálico marca, desde logo visualmente, a diferença. Estamos, pois, perante duas perspectivas da história que se vão revelar confluentes, e não diametralmente opostas, como o seriam eventualmente numa literatura nacionalista de primeira geração.

Esta não é uma narrativa a preto e branco (passe a metáfora óbvia), mas multicolor, que coloca, desde a primeira hora, a mestiçagem no centro do império. Mestiçagem de etnias, de culturas e de línguas, e que se verifica não só entre portugueses e africanos, mas entre os próprios africanos, habitantes de Mazanga e mostrados na sua diversidade.

A narração «portuguesa» da história tem a forma de um diário de bordo de Jorge do Rosário, frade dominicano embarcado na expedição de Diogo Cão de 1485/1486. O próprio frade narrador é já mestiço, filho de negra forra de Lisboa, e nele coincidem duas memórias e duas histórias: a da mãe, da família Nsanda, e a dos frades portu-
gueses

ses que o educaram e cuja religião adotou. As cantigas e as histórias que lhe contava a mãe, e que constituem a sua herança negra, criam nele o desejo de regressar às raízes, de conhecer esse outro povo que também é o seu. A bordo, Jorge do Rosário tem um lugar ambíguo – como é comum nas personagens mestiças –, gozando da autoridade do seu papel de religioso, mas sendo, por outro lado, olhado com desconfiança e desfavor pelos outros frades. As treze entradas do diário estão datadas entre 29 de Outubro e 17 de Novembro de 1486, durante a viagem de regresso de Diogo Cão a Lisboa, depois da tentativa falhada para dobrar o Cabo das Tormentas. No entanto a narração do frade – que está com febre, na qual o leitor adivinha a morte próxima – é, na verdade, feita essencialmente da memória da viagem para sul, quando as paragens ao longo da costa para aguadas haviam possibilitado o encontro de Jorge com o «seu» povo. E é este encontro que é o centro da história: da história pessoal de Jorge, que nos jovens Nsanda Kabasa e Nsanda Kakulo descobre dois sobrinhos e a família Nsanda; e da história do Império, fundado na criouliização.

As primeiras entradas do diário narram principalmente cenas de bordo – episódios do quotidiano, as referências habituais às febres e às tempestades, as representações teatrais para entretenimento de uma tripulação inquieta, a descrição dos companheiros de viagem etc. – mas narram também memórias da infância, nas quais já se insinua a «africanidade», pela presença de passos em kimbundu, fragmentos da herança materna.

À medida que a narrativa avança, Frei Jorge vai-se tornando progressivamente mais africano. Há um episódio que narra uma festa, em que participam as gentes do Mussulo e os portugueses, que é particularmente significativo porque representa como pacífico este encontro entre povos. Depois da festa, enquanto os portugueses se retiraram, frei Jorge fica à conversa com Mani

Mussulo, com quem bebe malavu e fuma liamba, e de quem ouve uma história local, que descobre ser a sua. Diogo Cão acaba por autorizá-lo a ausentar-se da nau por três dias, de forma a poder assistir a uma cerimónia local, o kalandu, na qual o frade participa e que faz parte da sua «iniciação» à cultura local. Esta «crioulização» progressiva do frade – e da narrativa – reflecte-se na linguagem usada pelas diversas personagens e pelo narrador: o kimbundu vai ganhando espessura, o português é quase só suporte sintáctico. O próprio frade vai (re)aprendendo a língua, numa viagem de regresso a uma cultura que também é a sua, sem que, no entanto, abandone o rosário que traz ao pescoço, esse signifiicante da sua outra metade.

Frei Jorge não é o único a aprender as línguas bantu: quatro «mussele», ou homens brancos, deixados naquelas paragens dois anos antes pela anterior expedição de Diogo Cão, fizeram-no, e viviam entre os nativos com mulheres nativas. A mestiçagem já começara, muito antes de o Império se ter implantado.

Intercalada com esta temos a narrativa local, a várias vozes, na qual os vocábulos kimbundu e kikongo abundam. Encontramos aqui as personagens mais velhas contando a(s) história(s) locais aos mais novos, principalmente a história da conquista dos kikongo pelos mundongo. A sociedade da Mazanga é ela própria resultado de uma mestiçagem entre povos invasores e povos locais, significada particularmente pelos pares Nsanda o Muti (filho do chefe) / Uatanda dya Menha, e Muftila (filha do chefe) / Mahonga. Acrescente-se que os dois gémeos filhos do chefe, Nsanda Kabasa e Nsanda Kikulo, são também mestiços, uma vez que a mãe era uma Kikongo. Nesta parte da narrativa predominam as tradições africanas da história oral e de narração colectiva, e da interpretação dos sonhos como parte integrante da História. Tradições incorporadas numa história que se conta em crioulo e se quer crioula na forma.

A co-habitação aparentemente pacífica entre os povos mundongo e kikongo vai ser perturbada pela chegada dos homens brancos, ou, mais concretamente, pelas armas de fogo que eles trazem, que todos cobijam, e que se obtêm a troca de escravos. Ao contar-se o início do tráfico de escravos (esse lado mais negro da negra história do colonialismo), a caracterização das personagens e a atribuição dos papéis de heróis e de vilões também não se faz a preto e branco, uma vez que em todos predomina a ambiguidade. E se são as armas trazidas pelos brancos a causa imediata do início do tráfico, é o chefe local, Nsanda Nzusu, quem aprisiona os Kikongo e os vende, incluindo a Uatanda, a noiva do seu filho Muti.

A narrativa termina com os kikongo em grilhões, e com o episódio de Nsanda Kabasa, possivelmente o chefe da geração seguinte, a opor-se à vontade do pai. E a optar pelo rosário como amuleto, enquanto recusa o lunga e o ngola, símbolos da sua própria cultura. O rapaz, que se sentira fascinado pelo rosário que Frei Jorge trazia ao pescoço aquando do encontro de ambos, acabara por achá-lo no bucho de um grande peixe que apanhara. Deste episódio se depreende que Frei Jorge morrera no mar, em frente à terra dos antepassados, e que aquelas águas lhe serviam de sepultura. A última imagem é de Nsanda percorrendo «com os dedos as contas do Rosário», no início de uma nova fase da história e de uma nova mestiçagem.

A representação de nação/nações na narrativa de Oliveira Pinto reflecte o nosso tempo (ou melhor, a retórica dominante no Ocidente no nosso tempo, muitas vezes desmentida pela prática política). Falo da tendência para defender a ideia da hibridização étnica e cultural, ou a história do colonialismo reescrita como um encontro de culturas e de povos.

Uma nota ainda sobre a presença dos abundantes vocábulos kimbundu e kikongo: enquanto dão à narrativa cor local, legítimi-

dade e autenticidade enquanto história dos povos em presença, tornam a leitura difícil para quem desconhece estas línguas, não obstante a inclusão de um glossário. A linguagem acaba assim por ter um papel central, e, de alguma forma secundarizar a trama. E se estamos em presença de uma ficção – como o próprio autor nos avisa em nota inicial, nem sabemos se Diogo Cão teria estado na Mazanga – esta é ainda uma ficção *histórica*, isto é, uma narrativa que pretende fazer passar aos leitores uma verdade histórica, ainda que também poética e largamente imaginada. Que de alguma forma se perde – pelo menos entre os leitores portugueses – no labirinto que a língua constrói. Fica, no entanto, esta políglia, a multiplicidade de vozes, como a verdade incontornável deste encontro de civilizações. ■

Adriana Bebiano

Marc Berg e Annemarie Mol (orgs.), *Differences in Medicine: Unraveling Practices, Techniques and Bodies*. Durham / London: Duke University Press, 1998

O género discursivo em que as recensões se enquadram vive da possibilidade de se poder escrever sobre uma entidade unitária qualquer: um autor, um contexto, uma tradição, um modo de conhecimento, uma controvérsia, uma mudança. A leitura de uma recensão científica ou literária que começasse por esclarecer que o texto em questão era sobre um conjunto díspar de objectos deixar-nos-ia surpresos e, talvez, desinteressados. Para dar conta dos problemas colocados pela multiplicidade textual, recorreremos a maior parte das vezes a uma metáfora visual e, assim, ou o texto se transforma num conjunto de aspectos ou

modos de ver um mesmo problema, autor, etc., ou, uma vez falhado o teste visual, acabamos por declarar que o texto é uma *amálgama* de pensamentos sem unidade «que fala sobre tudo e sobre nada». Assim, as metáforas e outros artefactos textuais que permitem constituir um comentário literário excluem a multiplicidade. Esta desafia a interpretação, o gosto e a paciência.

O conjunto de textos que aqui apresento trata de desafiar este ordenamento das práticas interpretativas. Para os autores incluídos nesta colectânea, as multiplicidades não são o Outro da sociologia; estão, pelo contrário, bem no seu centro. A unidade deste livro reside parcialmente, e paradoxalmente, no questionamento das entidades unificadoras da medicina tais como foram construídas pela sociologia e antropologia da medicina desde os anos 50: a profissão médica, a tradição médica ocidental e a ciência que a suporta, e o paciente (ver introdução dos organizadores, Berg e Mol: 3-7). Outro elemento que talvez permita unificar estes textos emerge das metodologias utilizadas pelos autores para os produzir. A paixão etnográfica pelo detalhe e pela complexidade conduz a uma multiplicação temática, teórica e ontológica.

Cada um destes artigos narra a existência de mundos sócio-técnicos diferentes: a produção médica da transsexualidade (S. Hirschauer); a cirurgia fetal (M. Casper); a medicina ocupacional (N. Dodier); o programa de despieste do cancro do colo do útero (V. Singleton); as medicações para a asma (D. Willems); o desenvolvimento da medicina da dor (I. Baszanger); os diagnósticos e tratamentos da arteriosclerose (A. Mol); os tratamentos para a infertilidade (C. Cussins); a produção de um sistema de classificação de actos de enfermagem (S. Timmermans, G. Bowker e S. L. Star); e a implementação de um protocolo de acção médica (M. Berg). Em todos estes mundos, os autores descobrem diferenças e multiplicidades: diversidades de modos de «fazer» a arteriosclerose ou a asma; oscilação fun-